

## *Regimento proveitoso contra a pestilência (c. 1496) – uma apresentação*

### Useful regime against the plague (ca. 1496) – an introduction

Jorge Prata de Sousa

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo  
Professor da Universidade Salgado de Oliveira, Niterói (RJ)  
pratadesouza@terra.com.br

Ricardo da Costa

Pós-doutorado pela Universitat Internacional de Catalunya – UIC  
Professor de História Medieval do Programa de Pós-Graduação em História e  
do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes  
ricardo@ricardocosta.com



SOUSA, J. Prata de; COSTA, R. da: *Regimento proveitoso contra a pestilência (c. 1496) – uma apresentação*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 841-51, set.-dez. 2005.

O texto apresenta e analisa o *Regimento proveitoso contra a pestilência*, obra escrita por volta de 1496 em Portugal. A abordagem faz uma contextualização da obra, inserindo-a nas principais teorias vigentes então e nas correntes médicas medievais, baseadas na tradição árabe.

PALAVRAS-CHAVE: *Regimento proveitoso contra a pestilência*; História da medicina; Idade Média; Portugal medieval.

SOUSA, J. Prata de; COSTA, R. da: *Useful regime against the plague (ca. 1496) – an introduction*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12, n. 3, p. 841-51, Sept.-Dec. 2005.

*This introductory text analyzes Regimento proveitoso contra a pestilência, written in Portugal around 1496. The work is situated within the context of the era's main theories and of medieval medical thought, based on the Arab tradition.*

KEYWORDS: *Regimento proveitoso contra a pestilência*; Regimen contra pestilentiam; history of medicine; Middle Ages; medieval Portugal.

*Começa-se um bom regimento muito necessário e muito proveitoso aos viventes. E per conservação de suas saúdes e segurança das pestinências. Feito per o reverendíssimo Senhor Dom Raminto, bispo arusiense do reino de Dácia. E traladado de latim em linguagem per o reverendo padre Frei Luís de Rás, Mestre em Santa Teologia da Ordem de São Francisco.*

(fol. a2, linhas 1-8)

Assim inicia o pequeno incunábulo *Regimento proveitoso contra a pestilência*, publicado em Lisboa provavelmente em 1496 (Roque, 1979), escrito originalmente em latim por um bispo da Dácia, traduzido para o português por Frei Luís de Rás, provincial da ordem dos franciscanos na capital portuguesa e publicado pelo editor luso-alemão Valentino de Moravia (Silva, 2002.). Dele temos notícias não somente através de suas várias impressões, mas também por cartas pessoais, documentos e ao menos uma tradução.

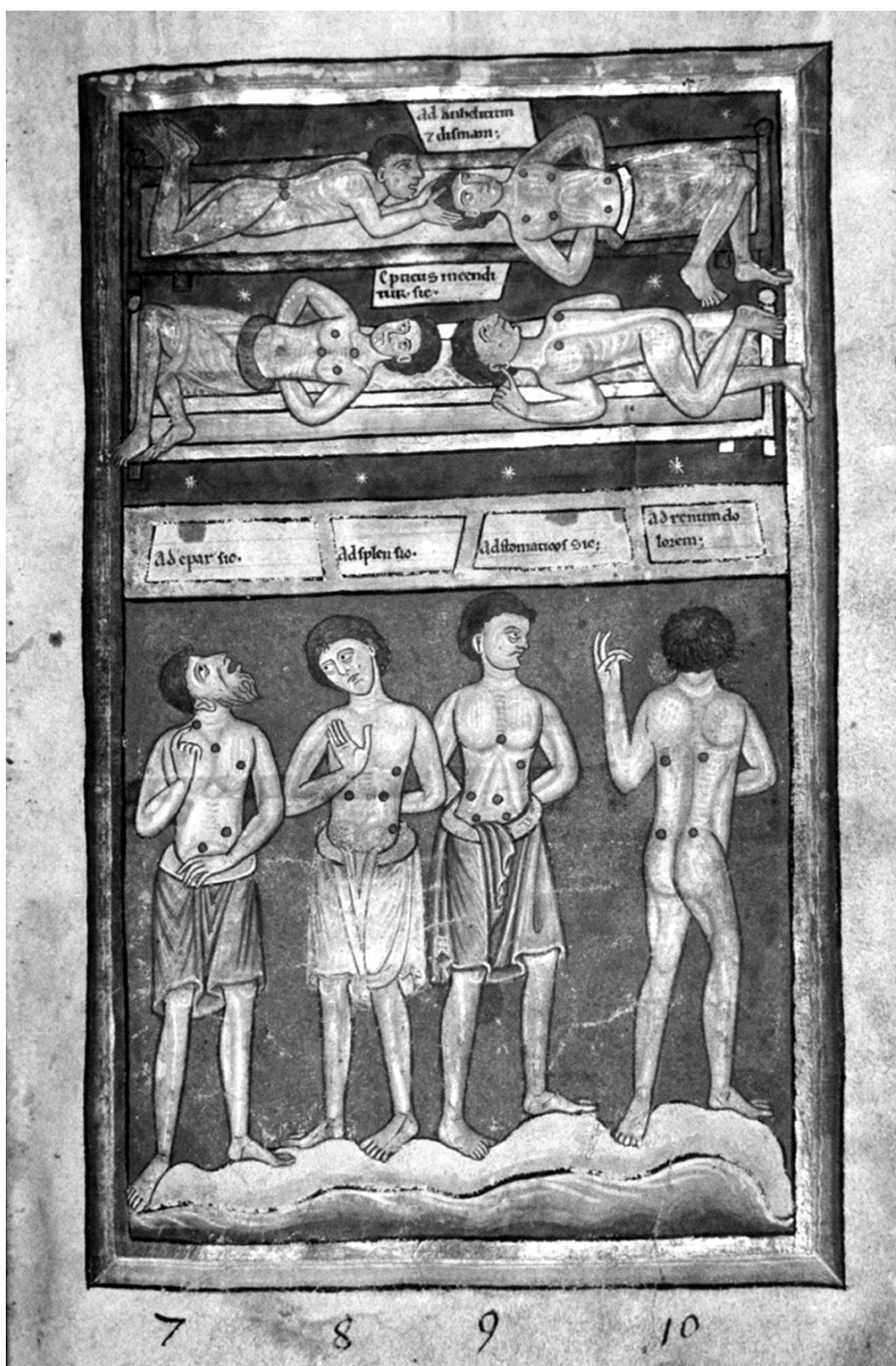
A natureza do texto inscreve-se na tradição dos “regimina”, textos medievais de natureza normativa, escritos para advertir sobre a higiene do corpo e sobre a prevenção a enfermidades. Muito embora fossem quase sempre endereçados a algum rei ou grande senhor, o que nos propomos a apresentar dirige-se à coletividade.

À luz de uma análise textual, o *Regimento proveitoso* se espelha no *Regiment de Jaime d’Agramot*, no *Regimen de epidemia* de Sanç de Ruidor e no *Regimen contra epidemian* de Joannes Jacobi, versão que ora apresentamos transcrita para o português.

Em Portugal, a recorrência de epidemias foi a principal característica desse reino no fim da Idade Média (séculos XIV e XV). Oito moléstias eram consideradas contagiosas no período medieval: peste bubônica, tuberculose, epilepsia, sarna, erisipela, antraz, tracoma e lepra. Assim, quando o *Regimento proveitoso* se refere às *pestilências*, pode estar sugerindo qualquer uma dessas doenças.

A maior parte dessas epidemias proveio da África e do Oriente – conseqüência funesta da abertura de Portugal para o mundo (Chandeigne, 1992). O intenso deslocamento demográfico, as condições sanitárias deficientes e a baixa imunidade decorrente de algumas carências alimentares (Flandrin, 1998) aprofundaram as conseqüências das epidemias em Portugal. Elas sangraram a tal ponto o tecido social que até a primeira metade do século XV a população portuguesa apresentou queda demográfica constante. Por esse motivo, os deputados das Cortes de 1433 (Leiria-Santarém) advertiram ao rei: “Vossos regnos são muito despovoados por as pestelências contínuas que padecem” (Souza, s.d., p. 342). No mesmo ano da publicação do *Regimento proveitoso* (c. 1496), Portugal teria sofrido uma dessas pestes de ação bastante prolongada, presente cerca de dezessete anos, de 1480 a 1497 (Oliveira Marques, 1987b, p. 474). Isso significa que cada português quatrocentista assistiu ainda em vida a duas ou mais epidemias, e, também, que o editor da obra decidiu publicá-la em meio à propagação das pestes. Tal abalo demográfico explica o grande interesse de médicos, curandeiros, boticários e até bruxos para descobrir precauções, remédios e ungüentos que protegessem a população da morte.

Foi nesse contexto social e epidêmico que se publicou o *Regimento proveitoso contra a pestilência*. A obra está dividida em cinco capítulos, todos relacionados a temas pertencentes à tradição médica antiga e medieval: (1) “Dos sinais”; (2) “Das causas da pestilência”; (3) “Dos remédios da pestilência”; (4) “Sobre as conformidades do coração e dos outros membros”; e (5) “Da sangria”.



MS. Ashmole 1462. Miscelânea de textos médicos e herbário em latim. Inglaterra (séc. XII, fol. 9<sup>v</sup>). Na parte superior, quatro pacientes em repouso, deitados; abaixo, quatro figuras de pé, marcadas com pontos vermelhos, indicando o processo de cauterização. Os textos ao lado de cada paciente dizem a causa: problemas respiratórios, doenças do fígado, pâncreas, estômago e rins. In: *Bodleian Library*. Disponível em: [www.bodley.ox.ac.uk/dept/scwmss/wmss/medieval/mss/ashmole/1462.htm](http://www.bodley.ox.ac.uk/dept/scwmss/wmss/medieval/mss/ashmole/1462.htm).

De todos os capítulos, o primeiro é o mais ‘medieval’ – observe, leitor, que os tempos em História são descontínuos: o antigo e medieval na medicina prolongou-se Renascença adentro, pois os modernos, nesse campo, continuaram a fundir matéria e espírito, corpo e alma ao tratarem das questões da existência (Delumeau, 1984, p. 132). Por esse motivo, o tratado que apresentamos aqui possui conteúdo baseado nos tratados médicos medievais – os quais, por sua vez, baseavam-se nos antigos e na cultura árabe – e não no mundo moderno que se iniciava. O texto que serviu de matriz, o *Regimen contra epidemiam* de Joannes Jacobi, não apresenta o primeiro capítulo.

Nele, o autor do *Regimento* temerosamente aponta os indícios, as premonições, os avisos divinos que antecediam a dor, a doença, a morte. Ele nos diz que são sete (apesar de descrever somente seis), número considerado universal pelos ocidentais, com significação capital para as mentalidades desse tempo, pois a simbologia medieval (Beaujouan, 2002, p. 293-303) baseava-se na crença de que tudo que pudesse ser conhecido pelo homem (a natureza, o universo) estava associado a um número, já que Deus teria criado o universo segundo proporções bem determinadas para que seus atos fossem compreendidos (“Dispôs tudo com medida, quantidade e peso”, *Sabedoria*, 11:21).

Sete virtudes, sete vícios (os famosos pecados capitais), sete sacramentos, sete dons do Espírito Santo, sete gozos de Nossa Senhora, sete *Artes Liberais* (Ramón Llull, 1957) sete planetas, sete notas musicais. Deus criou o mundo em sete dias, logo, sete são as premonições dos céus no *Regimento*: manhãs chuvosas, escurecimento súbito do dia, moscas no ar (indício de que o ar está *empeçonhado*, venenoso), cometas no céu, relâmpagos e trovoadas e ventos do meio-dia. A Senhora Natureza imperava, e aqueles homens tinham medo dela. Frágeis, perscrutavam o céu em busca de um presságio (Costa, 2002). Por isso, o cronista conclui a primeira parte afirmando que “quando esses sinais aparecem, é para se temer a grande pestilência, isso caso o Senhor Deus Todo Poderoso não o queira quitar” (fol. a2<sup>v</sup>, linhas 25ss).

O segundo capítulo trata das causas da pestilência, das origens ou motivos do sofrimento físico. Está baseado em três princípios: 1) da raiz superior, 2) da raiz inferior e 3) de ambas. Subjazem motivações pitagóricas – a expressão numérica do triângulo, a representação da Santíssima Trindade e a idéia de princípio, meio e fim.

Antes de explicá-los, devemos comentar a analogia com a árvore. Para o Ocidente cristão, era o símbolo judaico-cristão por excelência. Na tradição bíblica, a árvore significa tanto a vida e a morte (Gn 2:16-17) quanto o conhecimento (Gn 3:22) e a cura (Ap 22:1-2). Os medievais utilizavam este símbolo apropriando-se da imagem real da árvore e criando uma *árvore-imagem fabricada* (Guerra, 1986, p. 68). Portanto, no texto a *raiz inferior* refere-se a tudo o que ocorre na Terra, com os homens, com a matéria, incluindo-se tudo aquilo que dizia respeito ao Inferno. Os odores provenientes dos dejetos humanos e de matérias putrefatas provocavam pestilências. Corpos mortos, charcos podres e chafarizes fedorentos trazem a peste (Oliveira Marques, 1987b, p. 479).

Por sua vez, a *raiz superior* trata de tudo que ocorre nos céus. Os corpos celestes corrompem os espíritos vitais das criaturas viventes. Citando Avicena (980-1037) o cronista afirma que “a má disposição dos céus rapidamente *empeçonhenta* os corpos”. Avicena, o maior filósofo islâmico da Idade Média, é tão citado na obra porque o Quinto Livro de seu *Cânnon* era um dos cinco livros que, obrigatoriamente, deveriam constar em todo boticário português do século XV, juntamente com a *Pandecta* (compilação árabe do século XIV), o *Mesue* (texto árabe do século XI), o *Nicolau* (*Antidotarium*, de Nicolau de

Myrepso, século XIII) e o *Liber Serviboris*. (Oliveira Marques, 1987a, p.477). Avicena representava a melhor sistematização do saber médico de origem grega, tanto no plano teórico como no prático, chegando a consolidar uma nomenclatura médica que duraria muito tempo.

O Quinto Livro do *Cânon* fornece instruções para o preparo de 760 drogas, havendo uma relação direta entre o conteúdo do texto e a vida prática e medicinal de Portugal naquele tempo. A citação a Avicena explica-se pelo contexto da medicina medieval. Nesse período, os árabes dominavam tanto a área do conhecimento médico que o ideal seria denominá-la de *medicina árabe* ou *islâmica*, já que a própria língua árabe era seu meio de expressão (Micheau, 1991).

De acordo com crença astrológica – considerada científica – os corpos superiores poderiam imprimir nos corpos inferiores a podridão e as chagas. E o ar era o elo condutor. Caso estivesse corrompido pelos astros, “feriria o coração” e agravaria a natureza do corpo sem que a pessoa sentisse nada (fol. a3<sup>v</sup>, linhas 14-15). Esse ferimento invisível e de percepção retardada expressava-se na urina. Por isso o *Regimento* sugeria aos pacientes que lembrassem sempre de dizer a seus médicos a quantas andava a cor de suas urinas (Carreras i Artau, 1947, p. 36). O exame da urina tornou-se tão popular que muitos lugares adotaram o urinol como emblema do médico.

Ademais, as pestes definitivamente são contagiosas: segundo o autor do *Regimento proveitoso*, os corpos mais predispostos a elas são aqueles por natureza mais quentes e com os poros mais dilatados. Também os mais luxuriosos e que vão tomar “banhos”, são mais propensos à peste. Todos esses corpos, latrinas humanas, cheiram mal, “têm humores e fumos peçonhentos que corrompem o ar” (fol. a4-a4<sup>v</sup>).

O texto repousa sobre a *teoria dos humores*. Como a medicina da época era uma ‘medicina total’, pois integrava o homem ao universo, ela afirmava haver no corpo humano quatro tipos de líquidos em permanente correspondência com os quatro elementos existentes (fogo, ar, terra e água) e com os astros celestes (os doze signos do Zodíaco). Eram os *humores*: o sangue (com sua qualidade de úmido), a fleuma (a linfa, o soro, o muco nasal, a saliva e o muco intestinal, com sua qualidade de seco), a bÍlis (amarela, quente) e a atrabÍlis (ou bÍlis negra, secreção do pâncreas, com sua qualidade de fria) (Micheau, 1991, p. 61).

Segundo a *doutrina dos humores* o bem-estar do corpo dependia desses quatro fluidos corporais (Blackburn, 1997, p. 165). Na Idade Média, essa teoria foi reforçada pela medicina árabe – especialmente por Avicena e Averróis. Em várias combinações com os signos do Zodíaco, que governavam partes específicas do corpo, os humores e as constelações determinariam os graus de calor e umidade, além da proporção de masculinidade e feminilidade em cada pessoa.

E para não piorar as complexas e invisíveis relações entre os homens e o universo, o *Regimento* sugere constantemente uma precaução: deve-se ficar afastado das multidões nas ruas e do vento sul. Alguém na aglomeração poderia estar *peçonhento* ou ferido, e o vento sul, por ser “inchado” (isto é, denso), agravava o ouvido e feria o coração (fol. a4<sup>v</sup>, linhas 4-5).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Ver verbete “peçonhento”, no glossário que acompanha este dossiê.

O terceiro capítulo indica como o indivíduo deve proteger-se da peste. Em primeiro lugar, como ela é um castigo de Deus, deve-se confessar e fazer penitência, atitudes melhores e mais eficientes que as *mezinhas* – remédios caseiros, unguentos feitos à base de misturas de ervas. Aqui o texto se abre para a modernidade, pois o estabelecimento da confissão por parte da Igreja foi o primeiro motor propulsor da individualidade moderna (Delumeau, 1991). Lado a lado com a confissão e o arrependimento dos pecados, o texto sugere que se mude de casa – daí a conhecida expressão “mudar de ares”.

Buscar ares novos, não infectados e, mais importante de tudo, evitar o coito e toda a luxúria (fol. a5, linhas 16-17). Pecado ignominioso a Deus, fede como outras coisas que devem ser evitadas: as estrebarias, os corpos mortos e podres, as casas com águas sujas de esgoto.

Prescritivo, o texto sugere que regularmente se acendam fogos nas lareiras, com fumos de boas ervas. Estas podem ser compradas nos boticários (*apotecayros*; boticairos; boticayros): ervas de losna, hissopo, arruda e artemísia (*artamija*), combinadas com madeira de aloés nas chamas da casa (o aloés é uma planta medicinal e resinosa). O texto ainda afirma que, embora dêem resultado, esses produtos são muito caros! (fol. a5<sup>v</sup>, linhas 17-25).

Essa característica herbária da medicina medieval salta aos olhos na passagem seguinte: “pela manhã, logo após se levantar, a pessoa deve comer [uma folha de] arruda lavada em água limpa e espargida com sal e uma ou duas nozes-moscadas bem limpas. Caso não tenha isso, [que] então coma pão ou uma sopa molhada em vinagre, e que isso seja [feito] principalmente em tempo de nevoeiro e chuvoso” (fol. a6, linhas 15-18). Como todos os tratados médicos medievais, o *Regimento* nos faz apreciar virtudes ignoradas ao nosso redor: plantas, animais, ervas, madeiras.

Os cuidados com a higiene são destacados em seguida. A casa deve ser regularmente lavada – uma influência da cultura médica muçulmana – especialmente no alto verão, com “vinagre rosado e folhas de vinhas. E também é muito bom amiúde lavar as mãos com água e vinagre e limpar o rosto e depois cheirar as mãos, como é bom, tanto no inverno quanto no verão, cheirar coisas azedas” (fol. a6, linhas 23ss).

Observe-se que o vinagre é um tipo de desinfetante e seu odor azedo é bom para a saúde porque desinfeta:

e então levava comigo uma esponja ou pão ensopado em vinagre, e sempre o punha nos narizes e na boca, porque as coisas azedas e tais cheiros opilam e cerram os poros, os meatos e os caminhos dos humores, e não consentem que entrem as coisas peçonhentas. E assim [eu] escapei de tal pestilência que meus companheiros não podiam crer que eu pudesse viver e escapar. Eu certamente provei todos esses remédios. (fol. a6<sup>v</sup>, linhas 6-14)

O capítulo quatro trata das coisas que confortam o coração e outros membros, e destaca novamente a importância das ervas. É o capítulo que diz respeito ao tratamento propriamente dito, em que o autor prescreve seus remédios para os doentes da pestilência.

As ervas eram o mais barato e acessível à maior parte da população – ao contrário dos condimentos, destinados aos ricos (pimenta, canela, gengibre e noz-moscada), especiarias que fizeram a fortuna dos boticários a partir da segunda metade do século XII (Pouchelle, 2002, p. 158).

Para o *Regimento*, as *coisas confortativas* são: o açafraão, a cassiafístola, a chantagem (provavelmente o chantão ou chanta, tanchoeira) “e todas as outras ervas endereçadas

ao espírito interior” – em outras palavras, folhas que atuavam como antidepressivos. O açafraão, hoje quase desaparecido da Europa, era uma das plantas mais utilizadas na medicina medieval. Seus estigmas de cor escarlate eram utilizados como medicamento. Mas o uso das ervas não adiantaria de nada, afirmava o texto, se a pessoa recebesse o “bafo de outrem”, ou se comesse muito, aconselhando-se então ao paciente “vazar o ventre” (isto é, evacuar), e “se o ventre não puder vazar naturalmente, que se tome um cristal” (clister).

A seguir, o *Regimento* dá a primeira receita caseira, chamada em Portugal de *meezinha* – palavra que vem do latim *medicina*, o que sugere que a arte de curar também nasceu dessas receitas caseiras, passadas de geração a geração nas culturas populares europeias.

Quanto ao teu mantimento, digo que a triaga é muito proveitosa, tanto para os sãos quanto para os enfermos. Toma-se, portanto, duas vezes por dia, com bom vinho claro e aguado ou com água clara de rosas ou [ainda] com cerveja clara, mas não se tome mais triaga que a quantidade de um pichel, e do vinho, água ou cerveja tomarás [a] quantidade de duas colheres ... e nos mantimentos guarda-te das coisas quentes, assim como a pimenta e os alhos, embora a pimenta purgue o cérebro da fleuma e os outros membros especiais dos humores viscosos. Mas porque ela esquenta muito, e a quentura traz podridão... (fol. b-b<sup>v</sup>)

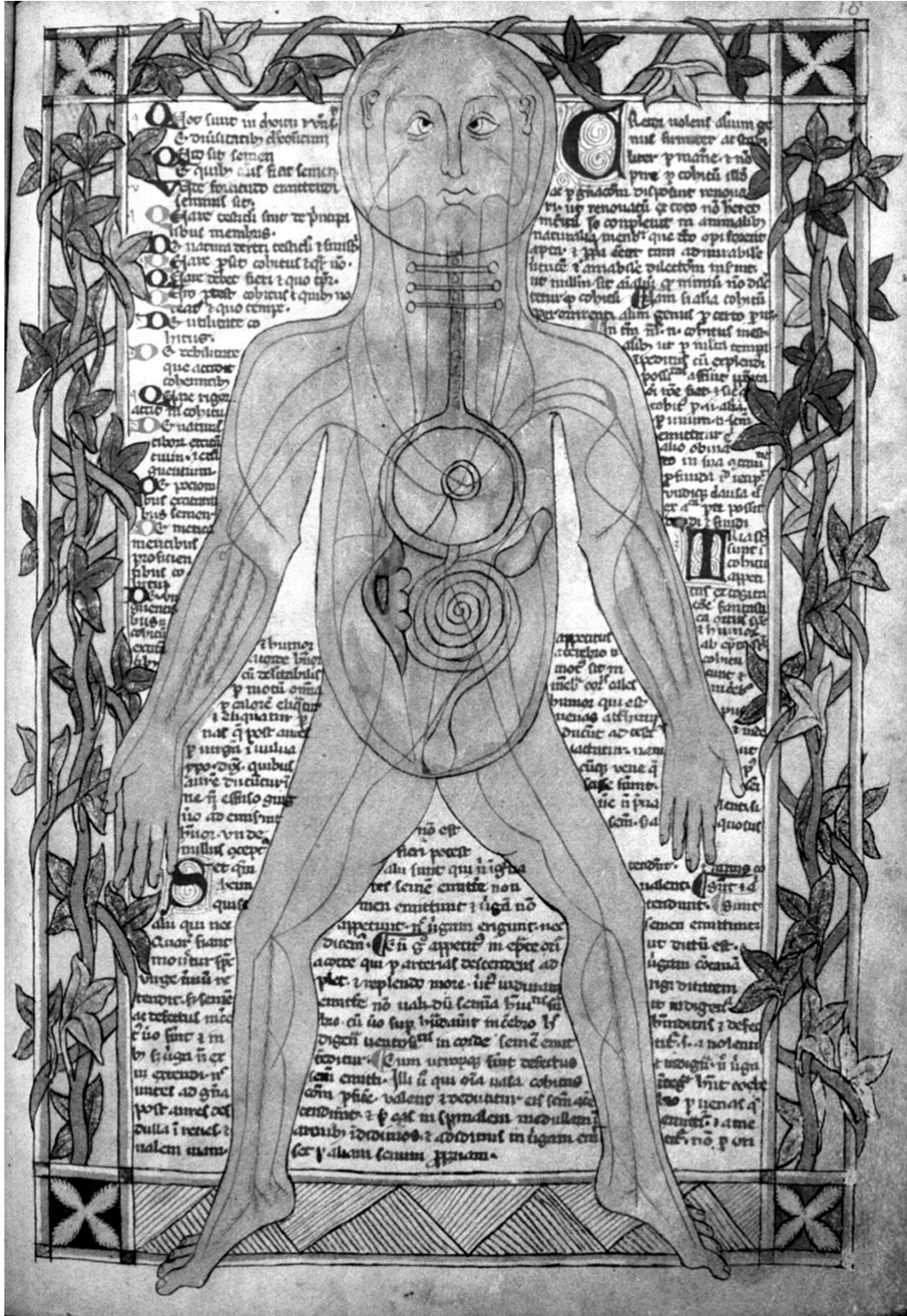
A triaga era um medicamento composto de muitos ingredientes (57 substâncias, incluindo carne de cobras venenosas) e de sabor amargo, especialmente empregado como antídoto para a mordida de qualquer animal venenoso. Mas o mais importante a destacar nessa passagem, além do conhecimento botânico dos medievais, é a preocupação que o texto mostra com o bem-estar do paciente: os sintomas da doença eram entendidos como *desregramento interior*, uma consequência de um estado de espírito caído (Pernoud, 1996, p. 88). Por isso a atenção dada às ervas e ao *mantimento*, isto é, a satisfação do espírito do doente.

Todo o capítulo quatro sugere receitas aos pacientes e indica remédios bons para o espírito. Junto a isso, comidas leves (cozidos e caldos), frutas azedas (especialmente cerejas, romãs, maçãs e pêras), especiarias (gengibre, canela, o aromático cominho e ainda o açafraão) para os ricos, e para os pobres, arrudas e salsas (fol. b<sup>v</sup>, linhas 25ss). E caso não seja muito pobre, que o doente misture cominho e açafraão com vinagre e tome, pois “tal salsa é muito boa, já que destrói e quita ou tira toda a podridão”.

Concluindo o capítulo, uma agradável lembrança: a “alegria do coração é um grande remédio para a saúde do corpo”; assim, que não se tema a morte, pois “a imaginação faz causa e perigo, mas qualquer [pessoa] com muito prazer e alegria, [que] sempre espere muito viver” (fol. b2, linhas 8-14).

O conhecimento da posição das veias no corpo humano era muito importante para o sucesso da sangria. E embora a Igreja Católica e o Islamismo proibissem a dissecação dos cadáveres os médicos tinham, de fato, esse hábito científico.

O último capítulo trata dessa prática comum à medicina desde o mundo antigo. Como toda a terapêutica baseava-se na teoria clássica dos humores (os líquidos corporais), e a enfermidade era entendida não só como um estado espiritual (depressivo) mas também como uma alteração dos humores, o tratamento consistia em restaurar o equilíbrio humoral ou expulsar o humor responsável pelo mal através da sangria (flebotomia), ou por sua evacuação por meio de purgantes. O uso da *flebotomia* possuía uma justificativa



Miscelânea médica, iluminura anatômica mostrando as veias. Inglaterra, século XIII (MS. Ashmole 399, fol. 18'). Disponível em [www.bodley.ox.ac.uk/dept/scwmss/wmss/medieval/mss/misc/13th.htm](http://www.bodley.ox.ac.uk/dept/scwmss/wmss/medieval/mss/misc/13th.htm).



consistente: se havia no sangue um humor enfermo, o remédio mais rápido era erradicá-lo com a sangria. Por esse princípio o *Regimento* sugere uma sangria por mês, caso a idade permita (fol. b2, linhas 16-17). Depois o paciente pode beber um bom vinho ou uma boa cerveja, mas moderadamente. Também enfatiza que não se deve dormir depois de uma sangria. O sono tem “uma quentura intrínseca, e silenciosamente traz a peçonha ao coração e aos outros membros” (fol. b2<sup>v</sup>, linhas 3-5). O sono ainda é o sinal mais explícito da doença: o homem *peçonhentado* tem grande desejo de dormir todas as horas, “porque a peçonha intrínseca perturba o espírito vital, de modo que [ele] sempre deseja folgança” (fol. b3, linhas 8-11).

A sangria deve ser feita próxima à região do abscesso (apostema), onde há o pus acumulado: “e se porventura nascer o apostema embaixo do braço direito, sangue-se o homem no meio daquele braço na veia meã” (fol. b3<sup>v</sup>, linhas 11-13). Ventosas eram utilizadas pelos médicos, especialmente se o abscesso surgisse nos ombros. Caso o apostema estivesse muito desenvolvido, o paciente não deveria temer, pois “o abscesso lança o mal para fora e faz o homem ser muito são”. Além disso, dever-se-iam fazer as mezinhas, os famosos unguentos caseiros, tema final do *Regimento*.

O capítulo cinco, sobre as sangrias, indica três receitas de unguentos. Em uma delas, recomenda:

Tomarás uma erva que chamam barbajovis e outro que chamam serpilo, que acharás ao boticairo. E isso mesmo toma chantagem e siligem (vai-te ao boticairo) e pisa todo muito bem até que vejas que quer parecer que sai destas cousas assi pisadas águoa ou çumo. Então toma aquele çumo e mistura-o com leite de mulher e dá-o a beber àquele que tiver a postema. E isto com o estâmago gejum, porque então obra melhor em o homem. (fol. b4<sup>v</sup>, linhas 8-14)

Como curandeiros, os médicos medievais conheciam muito bem os efeitos das plantas. Entre as ervas citadas nessa passagem, destaco o serpilho (ou serpão, espécie do gênero *Thymus*, da família das labiadas), de forte ação anti-séptica, pois tem o timol como principal componente de sua essência.

Em outra receita, lê-se: “Quando a apostema aparecer primeiro, tome avelãs, figos passados e arruda, tudo bem pisado: coloque em cima da apostema. Essas coisas bastam para a pestilência” (fol. b4<sup>v</sup>, linhas 19-22). Tudo isso “com a ajuda de Nosso Senhor Jesus Cristo, sem o qual não há saúde, e da benta Virgem Maria Sua mãe, seja glória e louvor para sempre. Amém” (fol. b4<sup>v</sup>, linhas 24-26).

O *Regimento proveitoso contra a pestilência* é uma fonte histórica fundamental para a compreensão do passado ibérico e da vida dos homens quinhentistas portugueses. Seu conteúdo, além de ter claras intenções pedagógicas, parece ter tido forte aceitação popular, pois dele conhecem-se versões anônimas em prosa e verso publicadas em várias capitais europeias. O texto tem suscitado curiosidade e interesses acadêmicos. Sua aceitação foi tão extensa que no século XV estudiosos afirmam terem sido feitas mais de vinte e seis edições, provavelmente com modificações e acréscimos bem ao gosto dos copistas e tradutores.

O texto que publicamos encontra-se na Biblioteca Pública de Évora, em Portugal. Sua leitura é ideal para os historiadores do corpo, dos gestos e das atitudes, das sensações e dos comportamentos, enfim, para o *historiador social*. Trata-se de uma fonte simples, enxuta e direta, mas, sobretudo, riquíssima para o estudo das sociabilidades humanas.

Através dela, o historiador compreende que a existência humana, o estar vivo e o morrer ao longo do tempo variaram enormemente, e que a *história social da medicina* é um aspecto desse processo no qual percebemos a eterna fragilidade de nossa existência.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Beaujouan, Guy  
2002                    Números. In: Le Goff, Jacques; Schmitt, Jean-Claude (coord.)  
*Dicionário temático do Ocidente Medieval II*. Bauru (SP): Edusc, São Paulo:  
Imprensa Oficial do Estado. p. 293-303.
- Blackburn, Simon  
1997                    *Dicionário Oxford de Filosofia*.  
Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 165.
- Carreras i Artau,  
Joaquin  
1947                    Pròleg. Les obres mèdiques d'Arnau de Vilanova. In: Arnau De Vilanova.  
*Obres catalanes. Volum II: Escrits mèdics*. Barcelona: Barcino.
- Chandeigne, Michel  
1992                    *Lisboa Ultramarina*.  
Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Costa, Ricardo da  
2002                    Olhando para as estrelas, a fronteira imaginária final – *Astronomia e*  
*Astrologia* na Idade Média e a visão medieval do Cosmo. *Dimensões –*  
*Revista de História da UFES* (Dossiê Territórios, espaços e fronteiras).  
Vitória: Edufes, n. 14, p. 481-501.
- Delumeau, Jean  
1984                    *A civilização do Renascimento*. v. II. Lisboa: Estampa.
- Delumeau, Jean  
1991                    *A confissão e o perdão*.  
São Paulo: Companhia das Letras.
- Filho, Miguel Attie  
2002                    *Falsafa. A Filosofia entre os árabes*.  
São Paulo: Palas Athena.
- Flandrin, Jean-Louis;  
Montanari, Massimo (dir.)  
1998                    *História da Alimentação*.  
São Paulo: Estação Liberdade.
- Guerra, Manuel  
1986                    *Simbologia Romanica*. El cristianismo y otras religiones en el arte  
românico. Madrid: Fundacion Universitaria Española, Alcalá 93.
- Micheau, François  
1991                    A idade de ouro da medicina árabe. In: *As doenças têm história*.  
Lisboa: Terramar. p. 57-77.
- Oliveira Marques,  
A. H. de  
1987a                    *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*.  
Lisboa: Presença.
- Oliveira Marques,  
A. H. de  
1987b                    *A sociedade medieval portuguesa*.  
Lisboa: Livr. Sá da Costa.
- Pernoud, Régine  
1996                    *Hildegard de Bingen*. A consciência inspirada do século XII.  
Rio de Janeiro: Rocco.
- Pouchelle,  
Marie-Christine  
2002                    Medicina. In: Le Goff, Jacques; Schmitt, Jean-Claude (coord.)  
*Dicionário Temático do Ocidente Medieval II*. Bauru (SP): Edusc, São Paulo:  
Imprensa Oficial do Estado.
- Roque, Mário da Costa  
1979                    *As pestes medievais europeias e o Regimento proueytoso contra ha*  
*pestenença*. Lisboa, Valentim Fernandes (1495-1496).  
Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.

REGIMENTO PROVEITOSO CONTRA A PESTILÊNCIA (C. 1496) – UMA APRESENTAÇÃO

- Silva, Marinalva Freire da  
2002 Edición crítica Del regimento Proueytoso contra ha Pestença (1496-1500).  
Tesis doctoral en el Departamento de Filología Romanica de la Facultad  
de Filosofía y Letras de la Universidad Complutense de Madrid.
- Souza, Armindo de  
s.d. 1325-1480. In: Mattoso, José (dir.) *História de Portugal*.  
A Monarquia Feudal (1096-1480). Lisboa: Estampa.

Recebido para publicação em julho de 2004.

Aprovado para publicação em maio de 2005.

